

Napoleão e a Campanha da Áustria

Carlos Roberto Carvalho Daróz ^a

Resumo: O período Napoleônico caracterizou-se pelo constante antagonismo entre França e Inglaterra e respectivos aliados. Napoleão, em 1804, tinha planos para invadir as Ilhas Britânicas, mas, com a derrota de sua esquadra na Batalha de Trafalgar e com a entrada da Rússia na coalizão, os franceses direcionaram seu esforço para o leste, dando início à Campanha da Áustria. O presente artigo analisa as principais ações desta campanha que culminou com a vitória francesa em Austerlitz, em 1805.

Palavras-chave: Guerras Napoleônicas, Campanha da Áustria, estratégia.

INTRODUÇÃO – A TERCEIRA COALIZÃO

Pelo tratado de paz de Amiens, assinado entre França e Grã-Bretanha, em 1802, esta deveria devolver à França a Ilha de Malta e todos os territórios conquistados nas Américas. Contudo, a negativa da Grã-Bretanha em entregar a ilha de Malta iniciou novo conflito com os franceses.¹ As tensões entre ambos

os países se agravaram quando os franceses enviaram uma força expedicionária para sufocar a rebelião de escravos no Haiti, a qual tinha o apoio dos britânicos.

A captura de navios mercantes franceses e holandeses pela Marinha Real britânica, em represália ao aumento de taxas sobre os produtos britânicos na França ordenado por Napoleão, resultou na ocupação

^a Coronel de Artilharia. Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



francesa do Hanover, território continental de propriedade do rei da Inglaterra. Após declarar guerra contra a França, em 1803, a Grã-Bretanha buscou negociar com diversas monarquias a criação de uma nova coalizão, oferecendo vantagens econômicas a quem nela tomasse parte. Em 1805, com a adesão da Áustria, de Nápoles, da Rússia e da Suécia ao conflito, apoiando os ingleses, formou-se a Terceira Coalizão. Essa aliança tinha como principal objetivo tentar deter as crescentes ambições do imperador francês em criar um cinturão de estados tributários sob sua esfera de influência.

Espanha, Itália, Holanda e Baviera conservaram-se fiéis à França, enquanto a Prússia, evitando maior comprometimento, permaneceu em estado de neutralidade.

Napoleão planejou, inicialmente, invadir as Ilhas Britânicas mas, após a derrota da esquadra franco-espanhola em Trafalgar (1805) e com a entrada da Áustria e da Rússia na guerra, foi forçado a abandonar a travessia do

Canal da Mancha para empreender uma campanha contra a Áustria, agora um inimigo prioritário que ameaçava seu território. Outro fator que motivou Napoleão investir contra a Áustria foi a informação de que o exército russo estava se deslocando pela Europa central, para se unir às forças austríacas.

O GRANDE EXÉRCITO FRANCÊS

Antes mesmo da formação da Terceira Coalizão, Napoleão organizou uma poderosa força de invasão destinada ao ataque às Ilhas Britânicas, a qual ficou estacionada nos arredores de Boulogne, no norte da França, onde recebeu treinamento de qualidade e tornou-se apta a realizar diversos tipos de manobra.²

As tropas em Boulogne constituíam o núcleo do que, mais tarde, Napoleão chamaria de seu Grande Exército (*Le Grande Armée*). Inicialmente o exército francês possuía um efetivo de aproximadamente 200 mil homens, organizados em



sete corpos – grandes-unidades capazes de operar independentemente até a chegada das reservas. O corpo-de-exército, ocupando uma posição defensiva adequada, era capaz de sobreviver a, pelo menos, um dia de combate sem receber suprimentos, característica que conferia ao Grande Exército significativa flexibilidade nas operações.

Napoleão criou uma reserva de cavalaria composta por 22 mil homens, organizada em duas divisões de couraceiros, quatro divisões de dragões e duas divisões de dragões a pé; com o apoio de 24 peças de artilharia. Em 1805, o Grande Exército lançado contra a Áustria havia crescido em tamanho e qualidade, alcançando o efetivo de 350 mil homens bem treinados, equipados adequadamente e liderados por oficiais profissionalmente competentes.

O EXÉRCITO RUSSO

O exército russo de 1805, por outro lado, reunia muitas características antiquadas: não havia grandes-unidades permanentes³; os oficiais

superiores eram selecionados dentro da aristocracia (mesmo sem competência ou experiência militar) e os soldados, sob o pretexto de manter a disciplina, eram frequentemente punidos com severidade excessiva. Além disso, os oficiais subalternos e os suboficiais possuíam treinamento muito deficiente, não sendo capazes de conduzir seus comandados nas complexas manobras que a batalha exigia.

A artilharia russa, entretanto, possuía longa tradição de eficiência, sendo comum seus artilheiros combaterem duramente para impedir a captura de seus canhões.

O sistema logístico russo dependia essencialmente do aproveitamento dos recursos locais ou do fornecimento de itens de suprimento por seus aliados. Ian Castle assinala as deficiências logísticas do Exército russo:

Quando o exército de Kutuzov, com cerca de 46.000 homens, partiu em 25 de agosto de 1805, enfrentou uma longa e estafante marcha para o oeste. Com deficiências logísticas sensíveis, o



exército austríaco precisou suprir os russos, fornecendo-lhes diversos itens para atender suas necessidades básicas.⁴

Aproximadamente 70% do suprimento do exército russo foi provido pelos austríacos. A deficiência estrutural da logística e a grande extensão das linhas de suprimento comprometiam o poder de combate do soldado russo, causando, inclusive, problemas sanitários à tropa.

O EXÉRCITO AUSTRIACO

O Arquiduque Carlos, irmão do imperador austríaco Francisco José I, iniciou uma reforma no exército em 1801, na qual retirou do Conselho Real a autoridade para tomar as decisões sobre as forças militares na Áustria. Carlos, porém, perdeu sua influência quando, à revelia de sua opinião, a Áustria decidiu entrar na guerra contra a França. Assumiu o comando do exército austríaco o general Karl Mack, que instituiu uma nova organização para a infantaria, passando o regimento a

ser constituído por quatro batalhões, cada qual composto por quatro companhias.⁵ O treinamento dos oficiais de infantaria, contudo, não acompanhou esta modificação, resultando em unidades comandadas com liderança deficiente. Todd Fisher assinala que

O exército austríaco que aguardava Napoleão encontrava-se em estado de confusão, ainda ressentido pelas derrotas nas guerras contra a Primeira e a Segunda Coalizões. Nesses conflitos, os exércitos da Revolução Francesa e do Consulado continuamente superaram seus homólogos dos Habsburgos. Os problemas que assolavam o exército do Sacro Império Romano eram amplos, englobando a logística, a tática, a estratégica e a política. Seu exército levava desvantagem em comparação com os franceses, em rápida modernização.⁶

A cavalaria austríaca tinha a reputação de ser a melhor da Europa, mas, com o aumento dos efetivos da infantaria, muitos cavaleiros foram transferidos para unida-



des de infantaria, vindo a enfraquecer suas fileiras e diminuindo sua eficiência.

A MANOBRA DE ULM

Após perder seu poder naval em Trafalgar, Napoleão desistiu de invadir a Grã-Bretanha e partiu para enfrentar os austríacos e russos. Assim, em menos de 20 dias, Napoleão levou seu imenso exército em marcha acelerada, atravessando a Europa de uma ponta a outra.

O exército austríaco, com 80 mil homens sob o comando do general Mack, encontrava-se posicionado no alto Danúbio, nas proximidades de Ulm, no Württemberg, perto da fronteira com a Baviera, esperando que os franceses atravessassem a Floresta Negra.

Napoleão, no entanto, flanqueou a posição austríaca contornando a floresta pelo Norte e influiu para o sul, colocando o grosso do seu exército entre Ulm e Viena e cortando a retirada a Mack.

Este poderia escapar enquanto a manobra não se completasse, mas

foi iludido por Karl Schulmeister, alemão a serviço dos franceses, que se infiltrou no estado-maior austríaco à custa de fornecer, com a permissão de Napoleão, informações corretas sobre o dispositivo francês. Schulmeister levou Mack a acreditar na ocorrência de um levante em Paris contra Napoleão, o qual seria obrigado a retirar suas tropas para voltar à capital.⁷ Julgando que sua posição estava em segurança, Mack permaneceu em Ulm até ser completamente envolvido pelos franceses.

Ulm foi vigorosamente bombardeada pela artilharia francesa e Mack, instado à rendição, capitulou, com todo o seu armamento, em 20 de outubro de 1805. Com a perda de cerca de 2 mil baixas, em duas semanas o *Grande Armee* havia eliminado 4 mil austríacos e tomado quase 60 mil prisioneiros de guerra, capturando 80 bandeiras e 200 canhões, tudo sem recorrer a uma grande batalha.⁸

Posto fora de ação o exército de Mack, Napoleão voltou-se contra



os russos e iniciou marcha em direção a Viena, através da calha do Danúbio.

do Arquiduque Carlos, o mais capaz general austríaco naquela altura, composto por 90 mil homens, estava retido no norte de Itália, fixado



Napoleão com seus oficiais durante a Campanha da Áustria

A BATALHA DE AUSTERLITZ

Napoleão avançou com grande rapidez sobre Viena, realizando uma marcha em pleno inverno e percorrendo em 23 dias a distância que separava Ulm de Viena, que ocupou sem resistência.

Na Boêmia, em Olmutz, os russos tinham-se reunido aos austríacos. Todavia, a manobra de Napoleão havia dispersado o exército austríaco. O exército de Mack tinha sido aniquilado em Ulm; o exército

pelos 50 mil soldados do marechal Massena. Dessa forma, as forças combinadas da Áustria e da Rússia, na Boêmia, compreendiam aproximadamente 75 mil russos e 18 mil austríacos.

Napoleão estava preocupado com a possibilidade de a Prússia entrar na guerra contra a França, o que poderia mais que duplicar o efetivo inimigo, e verificou a necessidade de encerrar a campanha o mais rapi-



damente possível, induzindo os comandantes da coalizão a darem-lhe batalha imediatamente.

Napoleão saiu de Viena para o norte, penetrando na Boêmia, onde, propositadamente, simulou estar com receio das forças da coligação e com seu exército enfraquecido. Realizando manobras de avanços e recuos, tinha por objetivo criar, nos comandantes inimigos, a impressão de que o flanco direito de seu exército estava fragilizado, provavelmente extenuado e com pouca munição.

Napoleão enviou emissários aos imperadores russo e austríaco, a fim de sondá-los acerca de uma possível paz. Em resposta, o imperador russo Alexandre enviou um plenipotenciário com as condições para a paz. Napoleão fingiu estudar a proposta, hesitou, suspirou, e terminou por repudiá-la, fingindo-se desesperado, mas disposto a vender caro sua derrota. O emissário russo, enganado, tranquilizou o estado-maior austro-russo, que adotou o Plano Weyrother: um ataque principal contra o “fragilizado” flanco direito



Mapa mostrando a manobra durante a Batalha de Austerlitz



francês e ataques diversionários ao flanco esquerdo.

A planície de Austerlitz⁹ foi o palco da batalha. Era inverno e os lagos da região estavam congelados. O norte do campo de batalha era dominado pelos montes Santon (210 m de altura) e Zuran (260 m), onde Napoleão se posicionou no início dos combates. No centro da planície, erguia-se a colina de Pratzen, um pequeno movimento do terreno com cerca de 12 metros de altura e encostas suaves. Napoleão calculou que seus inimigos, ao enviarem o grosso de sua tropa para envolver-lhe o flanco direito, estariam enfraquecendo o próprio centro, onde pretendia atacar. Com o objetivo de reforçar seu flanco direito, ordenou ao Marechal Davout, que estava em reserva na cidade de Viena, para marchar de Viena até Austerlitz.¹⁰

A batalha teve início às oito horas do dia 2 de dezembro e, como previsto, as tropas russas atacaram o flanco direito francês, sem, contudo, obterem sucesso: os ataques foram mal coordenados e os franceses ou mantiveram suas posições,

ou as recuperaram quando perdidas. Começaram a chegar os primeiros homens de Davout. Por volta das nove horas, Napoleão ordenou ao marechal Soult¹¹ que tomasse a colina de Pratzen. Saint-Hilaire e Vandamme, comandantes subordinados a Soult, encarregaram-se do ataque. Saint-Hilaire avançou sobre o outeiro coberto por uma espessa névoa que, repentinamente, foi dissipada um sol. Os russos que ocupavam Pratzen foram surpreendidos pelo avanço francês e recuaram depois de uma hora de luta feroz. Um pouco mais ao norte, Vandamme prosseguiu na investida.

Em seguida, Napoleão deslocou-se de Zuran para Pratzen e mandou reforçar o ataque de Vandamme. Os russos que ainda reagiam foram afastados pela cavalaria pesada de Napoleão. Por volta das duas horas da tarde, o exército austro-russo encontrava-se dividido em dois, como pretendia Napoleão. Daí em diante, ao norte, apesar da bravura dos russos, uma bem-coordenada série de ataques franceses conseguiu impor a superioridade napoleônica.



O foco de Napoleão deslocou-se para o sul: a divisão de St. Hilaire e parte do III Corpo de Davout levaram o pânico às tropas inimigas que lá se encontram. Os soldados russos tentaram fugir atravessando o lago de Satschan, que estava congelado. Submetida a intenso fogo da artilharia francesa, a camada de gelo do lago se quebrou, provocando o afogamento de regimentos inteiros. David Chandler destaca a ação dos franceses em Satschan, desencadeada, inicialmente, contra a artilharia russa em fuga:

A artilharia francesa, com uma granada de obus bem colocada - ou apenas um golpe de sorte - atingiu um vagão de munição enquanto atravessava um caminho estreito próximo aos lagos. Uma explosão estrondosa invadiu o ar escuro da noite, e outra via de fuga foi bloqueada. Como resultado, uma coluna da artilharia russa foi imobilizada, atolada no terreno lamacento, enquanto algumas guarnições conseguiram desviar cautelosamente sobre o gelo, que parecia ser forte o suficiente para suportar o peso dos canhões. No entanto, de acordo com o relato francês, Napoleão

(o artilheiro) não iria permitir que os russos escapassem desse modo, e ordenou que sua artilharia disparasse deliberadamente para romper o gelo em torno dos fugitivos.¹²

A Batalha de Austerlitz, na verdade, foi decidida logo nas primeiras horas, todavia, a espantosa destruição que o exército russo sofreu deveu-se a uma série de erros de seus comandantes e à hábil estratégia de Napoleão.

O resultado do embate em Austerlitz foi decisivo. Após o ataque das forças aliadas ao flanco direito francês, este começou a ceder lentamente; em seguida, boa parte do exército de Napoleão que estava oculto avançou, e conseguiu dividir as fileiras adversárias, atacando a retaguarda, cercando e empurrando o inimigo para afogar-se no lago congelado, com apoio de sua ágil e precisa artilharia. Logo a derrota das forças aliadas se fez presente, com a perda de 27 mil homens, enquanto, o exército francês sofria apenas 9 mil baixas.¹³ Na avaliação do historiador Richard Overy, Aus-



terlitz “foi a melhor batalha de Napoleão, um atestado de sua intuição estratégica e do carismático exemplo que conseguia transmitir.”¹⁴

REFLEXÕES FINAIS

As vitórias de Napoleão em Austerlitz (contra Áustria e Rússia) e em Campo Tenese (contra o Reino de Nápoles)¹⁵ puseram fim à Terceira Coalizão. A batalha de Austerlitz foi apenas o coroamento de um muito bem sucedido plano estratégico que compreendeu:

- a fixação do exército de 90 mil homens do Arquiduque Carlos, no norte da Itália;

- a movimentação das forças que desbordaram a Floresta Negra, pelo norte, culminando com o cerco e a capitulação de um exército de 80 mil homens;

- a rapidez do avanço sobre Viena e posterior invasão da Boêmia;

- os blefes e enganos perpetrados por Napoleão, fazendo com que os aliados não esperassem pelos

prussianos e fossem atraídos a travar a batalha de Austerlitz nas piores condições.

Em 26 de dezembro de 1805 Áustria e França assinam o tratado de Presburgo (Bratislava). A vitória contra a Áustria permitiu que Bonaparte redesenhasse o mapa da Europa. Ele obrigou o Imperador da Áustria a abdicar de seu título de Sacro Imperador e o milenar Sacro Império Romano-Germânico foi extinto. Com isso, centenas de pequenos territórios austríacos perderam sua independência e foram incorporados a outros estados germânicos, aliados de Napoleão, formando a Confederação do Reno, que deveria ser leal a Bonaparte.

A Prússia sentiu-se ameaçada com o poder da França sobre os estados germânicos membros da confederação e declarou guerra. A Quarta Coalizão foi formada, e, pouco mais de um ano depois, derrotada. Nessa ocasião, Napoleão tornou-se o Senhor da Europa.



BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Pedro Cordolino de. *História Militar*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1998.

CASTLE, Ian. *Austerlitz 1805: the fate of empires*. Oxford: Osprey Publishing, 2001.

CHANDLER, David G. *The campaigns of Napoleon*. Nova York: Macmillan, 1966.

_____. *Austerlitz 1805: Battle of three emperors*. Oxford: Osprey Publishing, 1990.

DARÓZ, Carlos. Dois momentos de Napoleão: as campanhas da Áustria e da Rússia. *Carlos Daroz-História Militar*. Disponível em <<http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2011/08/dois-momentos-de-napoleao-as-campanhas.html>>. Acesso em 11 nov. 2015.

ENGLUND, Stephen. *Napoleão: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

FISHER, Todd. *The Napoleonic War: the rise of emperor 1805-1807*. Oxford: Osprey Publishing, 2001.

FULLER, John Frederick Charles. *A Conduta da Guerra*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2002.

KEEGAN, John. *A Face da Batalha*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2000.

KNÖTEL, Richard. *Uniformenkunde*. Berlim: 1890.

LANNING, Michael Lee. *Chefes, líderes e pensadores militares*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1998.

MAGALHÃES, J.B. *Civilização, guerra e chefes militares*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2000.

OVERY, Richard. *A história da guerra em 100 batalhas*. São Paulo: Publifolha, 2015.

POPE, Stephen. *The Cassel dictionary of the Napoleonic Wars*. London: Cassel, 1999.

SANTOS, Francisco Ruas. *A arte da guerra*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1998.

SCHNEID, Frederick. *Napoleon's Italian Campaigns: 1805-1815*. Westport: Praeger Publishers, 2002.

SMITH, Digby. *The Napoleonic Wars data book*. Londres: Greenhill, 1998.



¹ FISHER, Todd. *The Napoleonic War: the rise of emperor 1805-1807*. Oxford: Osprey Publishing, 2001, p.9-10.

² Napoleão realizou diversas visitas a seu exército em Boulogne com o objetivo de verificar a instrução e elevar o moral dos soldados.

³ O escalão mais elevado no exército russo era o Regimento.

⁴ CASTLE, Ian. *Austerlitz 1805: the fate of empires*. Oxford: Osprey Publishing, 2001, p.23

⁵ Sistema quaternário. Anteriormente, o exército austríaco era organizado pelo sistema ternário: Regimento composto por três batalhões, cada um possuindo três companhias.

⁶ FISHER, Todd. *Op.Cit.*, p.19.

⁷ Como Mack pusesse dúvidas, Napoleão mandou imprimir, no próprio acampamento, um número falsificado de uma gazeta de Paris que trazia notícias da tal revolução imaginária. Mack deixou-se ficar em Ulm.

⁸ CHANDLER, David. *Austerlitz 1805: Battle of three emperors*. Oxford: Osprey Publishing, 1990, p.15.

⁹ Hoje Slavkov, na República Tcheca.

¹⁰ Os soldados do marechal Louis Nicolas Davout cobriram 110 km em 48 horas e foram fundamentais para o desenlace da batalha

¹¹ Marechal Nicolas Jean de Dieu Soult.

¹² CHANDLER, Op.Cit., p.81.

¹³ DARÓZ, Carlos. Dois momentos de Napoleão: as campanhas da Áustria e da Rússia. *Carlos Daroz-História Militar*. Disponível em < <http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2011/08/dois-momentos-de-napoleao-as-campanhas.html>>. Acesso em 11 nov. 2015.

¹⁴ OVERY, Richard. *A história da guerra em 100 batalhas*. São Paulo: Publifolha, 2015, p.69.

¹⁵ SCHNEID, Frederick. *Napoleon's Italian Campaigns: 1805-1815*. Westport: Praeger Publishers, 2002.